

REBIBIHTA Barranquenha

A ehcola nôtroh tempo



Retrato de grupo. Ô centro, a Professora Isabé. Segundo quartê do séc. XX.

No tempo doh nossoh pai e abó, nem toda a genti frequentaba a ehcola obrigatória, que era até à terceira classi. No começo doh ano 40, em Barranco, muitah criança não iom à ehcola, sobretudo por razão económicah. A maió parti dah pessoa bibiom no campo e do que daba o campo. Só binhom a casa noh fim-de-semana para fazê o abio p'ra semana siguiinti. Nã podiam bí a trazê e a buscá oh filho à ehcola, como se fá hoji, porque nã tinhom dinheiro, nem meioh p'ra isso e se trabalhava dehde que se fazia de dia até sol-pohto.

Muitah criança aprendiom a lê e a ehcrebê com oh patrôe doh pai, com oh filho doh patrôe, ô ôtra genti que sabia. Hôbi quem aprendessi com oh guardinha,

que quando iom ôh monti e àh malhada lebabom libroh da ehcola, que arranjabom e le tentabom ensiná ôh menino, ah letra, a fazê o nomi e a contá, (muitah bezi com pedacinhoh de pau, que serbiom de número).

Oh pai que podiom lebabom oh filho a aprendê a Cartilha com ah Menina Pinto, duah irmã, que não erom professora, mah tinhom bocação para o ensino. Oh pai pagabom um tanto por mên e elah le dabom lição. Algumah pessoa iom primêro à *Ehcola dah Menina Pinto* e só depoi é que iom à "ehcola oficiá" Muitah pessoa entrabom tardi na ehcola e a acababom já com dozi e trezi ano (continua na página 3).

Promotor:

A Estêva – Associação para o Desenvolvimento do Concelho de Barrancos

Autoria:

Carla Pica | Victor Correia



Apoios e colaborações:



EDITORIAL

Em nome de todos os envolvidos neste projeto, agradecemos a colaboração da população, do seu testemunho e contributo, para que esta iniciativa seja uma realidade. Agradecer, também, o simpático acolhimento por parte do público.

O interesse demonstrado na aquisição da publicação, levou à necessidade de repensar a sua distribuição e encontrar uma forma de fazer chegar os próximos números aos interessados, que a partir de agora o poderão adquirir através do formulário anexo.

Aproveitando o início das aulas, este número aborda o ensino em Barrancos, nos meados do século XX, no contexto escolar que então vigorava em Portugal.

A implementação do Sistema Educativo em Portugal não foi um processo uniforme em todo o país e arrastou-se por longos anos. Um sistema desigual, bastante condicionado pelo género, o estrato social, a condição rural ou urbana da sociedade, os padrões de vida e os valores socioculturais das várias regiões. A educação primária priorizava a formação dos rapazes. A instrução do universo feminino crescia de forma mais lenta, dada a condição da mulher na altura, às quais estavam destinadas as lides domésticas. O acesso aos níveis superiores de ensino era privilégio das classes mais abastadas. Nos meios rurais, as condições e modo de vida das famílias, que dependiam, na sua maioria, do trabalho no campo, acentuavam as barreiras à educação e as dificuldades de acesso. Situações que levavam ao abandono prematuro da escola.

No primeiro e segundo quartel do século XX, foram muitos os portugueses que não aprenderam a ler e escrever, nomeadamente, nas zonas rurais do interior, onde a formação escolar, por norma, não se traduzia numa melhoria de vida. Entre os que tiveram a possibilidade de o fazer, uma grande parte, aprendeu de modo informal, fora da escola, ou em momentos da vida em que necessitaram.

Até à segunda metade da década de 40, o ensino consistia num processo de alfabetização que visava apenas a diminuição do número de iletrados. O principal objetivo era ensinar a ler, escrever e contar, considerando-se estas competências suficientes para preparar os jovens para a vida futura.

Porém, a crescente modernização da economia portuguesa e o desenvolvimento de alguns sectores industriais, pelo seu carácter tecnológico, puseram a descoberto o atraso do país no que respeita à baixa qualificação da mão-de-obra e ao desajustamento dos projetos educativos até então existentes. Esta nova realidade socioeconómica acelerou a necessidade de instrução da população e deu origem a novas medidas, que vieram melhorar a educação, nas décadas seguintes, em especial o ensino primário e secundário.

Entre as principais medidas encontra-se o Plano dos Centenários - um projeto de construção de escolas em larga escala, que se implementou entre 1941 e 1969. Quase todas as cidades, vilas e aldeias de Portugal

passaram a dispor de uma ou mais escolas, o que permitiu aumentar a frequência escolar e o ensino obrigatório. Este plano permitiu ao Governo corrigir os baixos índices de alfabetização e de instrução que a população portuguesa apresentava.

Entre 1938 e 1952, o ensino primário dividiu-se entre ensino elementar e complementar, com a frequência obrigatória dos primeiros 3 anos e a aprovação do 3.º grau (3.ª classe) através de exame. Em 1952, o Estado proíbe o acesso a muitas profissões para quem não possuía a escolaridade obrigatória, criando, em alternativa, a Campanha Nacional de Educação de Adultos. Em 1960, o ensino obrigatório passou de três para quatro anos e em 1964 para seis anos.

Com a Reforma do Ensino Técnico e Profissional, criaram-se novos liceus, em todas as capitais de distrito. Fundaram-se escolas industriais, comerciais e agrícolas, embora persistisse a falta de condições no que respeita a infraestruturas e professores. No ensino universitário, criaram-se novas escolas ligadas à Marinha, às Artes, às Técnicas e ao Teatro. No entanto, os custos elevados deste grau de ensino fizeram com que o ensino superior continuasse restrito às elites até à reforma de Veiga Simão, em 1973, só se generalizando após a revolução do 25 de Abril.

Entre as principais características da política educativa do Estado Novo, conseguimos distinguir, claramente, duas fases. Numa primeira fase, que se estendeu até aos finais de 1940, a educação moldou-se aos princípios ideológicos e doutrinários do regime salazarista. Os conteúdos programáticos foram reduzidos e passaram a ter como referência os valores inquestionáveis da pátria, da família e da religião. Ao mesmo tempo, assistiu-se à diminuição do nível de competências dos professores e regentes, de modo a melhor controlar a atividade escolar. Foi durante esta época que se criou a Mocidade Portuguesa e a Obra das Mães pela Educação Nacional, que deveriam colaborar e auxiliar o Estado e as famílias na tarefa da educação.

Criadas as base da formação de uma identidade social, limitada às aprendizagens de base e à valorização dos princípios morais, nacionalistas e religiosos, inicia-se uma segunda fase, nos finais da década de 1940, que se mantém até ao fim do regime. A instrução primária volta-se para a formação de uma consciência nacional, mantendo os símbolos de referência - o hino e a bandeira nacional, e introduzindo a glorificação da História de Portugal, os seus heróis e a apologia do colonialismo.

Tal como acontecia nos demais concelhos rurais, em Barrancos também se faziam sentir as desigualdades económicas e sociais, o que colocava muitos entraves à frequência escolar e à continuidade dos estudos, da maioria da população.

Os dados recolhidos centram-se entre os anos de 1930 e 1965 e constituem uma fonte inesgotável de informações dessa época e uma caracterização da realidade educativa do concelho, naquele período.

Ôtroh andarom na ehcola, mah nã chigarom a fazê o exame finá, ô só o fizerom anoh maih tardi, na tropa, nah aula regimentai. Ô quando se forom de Barranco para ôtroh sítio, a trabalhá.

Por aqueli então, oh filho tinhom que ajudá oh pai no suhtento de casa e nah lide do dia-a-dia, para sacá adianti ah família. Oh homem trabalhando no campo (o principá mantimento era a agricultura), ô noh oficio doh pai, si erom ôtroh, como carpintêro, padêro e ah rapariga ajudando a cuidá da casa.

Nah família numerosa, oh maih belho, quando já tinhom idadi para trabalhá, passabom a ajudá oh pai duranti o dia e saíom da ehcola para que oh irmão maih nobo pudessem í. E elih, si queriom ehtudá, iom àh aula de noiti, noh curso noturno que habia, para fazê o ensino primário elementá.

Noh ano 40 só habia a ehcola de cima. Toda a genti tinha aulah nessa ehcola, mah habia uma área para ah rapariga e ôtra para oh rapazi. Não habia aulah mihta.

Oh rapazi e ah rapariga não podiom andá junto. O recreio tamém era separado. Não iom ô mehmo tempo rapazi e rapariga. Ôtra diferença era que ah rapariga tinhom que usá uma bata branca, nah aula. Oh rapazi, não.

No meio do pátio habia um poço, que serbia para ah brincadêra doh rapazi na hora do interbalo, como oh concurso de patinagem e oh professori assihtiom. A ehcola tinha um jogo de patim e uma prancha, que se punha no poço e oh rapazi faziom ah suah demohtração. Habia até prêmio para oh melhori patinadori!

Anoh maih tardi, quando se cohtruiu a ehcola de baxo, ah rapariga passaram a tê aulah nehta ehcola e a ehcola de cima passô a sê só doh rapazi.

Noh ano 50, a ehcola começaba no mêh d' ôtubro, quasi sempri no dia seti.

A dihtribuição doh período e dah fêria erom maih ô menoh igual ô qu' é hoji.



Ehcola dah rapariga. Ô centro, em cima, a Professora Arminda (Regenti). Retrato de grupo - 1956

Só habia o ensino primário e s' entraba com seti ano. No entanto, nem todah ah criança tinhom possibilidadi de começá com essa idadi, ô nã faziom oh ano de ehcola seguido, ôtroh nã se passabom, o que fazia que hõbessi no mehmo ano e na mehma classi meninoh de báriah idadi, algum já com trezi e catorzi ano.

Ah aula começabom àh nobi da manhã e acababom àh trêh da tardi, com um interbalo para o almoço.

Nessa época, ainda continuaba muita genti bibendo noh monti, poi h a maioria dah família erom trabalhadori rurai e grandí parti doh aluno iom a pé p'rá ehcola, sem qualqué tipo de apoio, fizessi calô ô frio. Chigabom a demorá hora e meia no caminho (em cada trajeto) e a fazê bárioh quilómetro andando (até sei, seti, ô oito quilómetro), de manhã, para Barranco e ôtroh tanto, de bolta a casa, à tardi. No caminho se juntabom alunoh de todah ah idadi e ah biagem se tornabom em grandíh combersa, brincadêra e amizadi, que faziom com que o

percurso fossi maih fácil e agradabé. Algumah rapariga se ficabom com oh abó, em Barranco, para não í todoh oh dia ô campo.

Quem binha do campo trazia doih talego: um com ah coisa da ehcola e ôtro com o almoço, que era quasi sempri um bocado de pão com chõriço, quêjo, um obo cozido, uma muleti...

Como habia muitah necessidadí, algumah casah de família maih abahtada ajudabom na alimentação àquelah criança que ah família tinhom maih dificultadi. Muitah bezi ah máh nota erom por casa da má alimentação. A mãe de Dona Belhita, que moraba ô pé da Praça, na rua 28 de Maio, hoji rua dah Força Armada, cohtumaba dá um copo de lêti e um pedaço de pão com quêjo, para aquecê o ehtômago. Por bezi tamém dabom o almoço. S' entraba pelo portão, que daba acesso à cozinha, com mesah e cadêrah, onde serbiom o lanchi, ô um prato de comida.

Oh materiais para a aula eram a mala e o talego, oh livro, uma lousa, o ardósia, (onde se escrebiom oh ditado, ah conta, o seja, todos oh exercício, porque nessa altura, não havia caderno), uma pedra, que servia de lápis e um trapo, que se molhava para apagar a lousa. Oh filho da família que tinham mais condições, e quem eram uma minoria, usavam uma mala de cabedá, o de cartão. Ah família mais pobre usavam um talego. A forma de ensino era muito conservadora e com muita disciplina. Havia um controle muito grande do que era ensinado. Oh livro eram um instrumento do regime. Tudo o que ensinavam tinha por base o Estado e a Nação e todos tinham que ser obedientes e agradecidos ao Estado. Oh rapazi eram obrigados a pertencer à Mocidade Portuguesa, onde eram instruídos numa forma quase militar. E tinham que saber de có o Hino Nacional.

Ah rapariga também tinham que aprender o Hino, que iam a ensaiar à escola dos rapazi, para cantar quando havia alguma festa, o vinha alguém importante. A sala de aula tinha um tecto alto, de madeira, onde estava a secretária do professor. Na parede havia um crucifixo, oh retrato de Salazar e do Presidente Carmona, e mais tarde o retrato do Américo Tomás e do Marcelo Caetano. E mapas. Ah carteira do aluno eram feitas só de uma peça. Tinha a mesa pegada à cadeira. O tampo tinha uma parte inclinada, quem era onde se escrebia e outra parte, em cima, direita, onde se punha o lápis, a borracha, o tinteiro e o aparo, para quando se escrebia na folha. Ah redacção e oh exame se escrebiom com o aparo, que se segurava num bocado de madeira, o numa pena, para servir de caneta.



Democração pública dos alunos acompanhados pelo Professor Berragoso - 1938

O ambiente da escola e a relação do professor com o aluno, na altura, eram marcados pelo autoritarismo e pela força, com castigos físicos. Havia pouca compreensão com o aluno. Ah criança não se comportava, nem tinham qualquer direito, como têm hoje. Oh professores usavam um ponteiro grande, para castigar o aluno, quando se portavam mal, o quando faziam mal oh exercício. O le davam reguadas, puxões de orelha e bofetadas.

A pedagogia da altura era com base na memorização da matéria. Oh aluno tinha que saber de memória: oh nomes dos reis; oh cognomes; ah data da batalha mais importante; oh nomes do rio e da serra; dos caminhos-de-ferro; oh nomes da colónia; a tabuada; o corpo humano todo! E muitas outras coisas. Tudo decorado! Ah disciplina que existia eram mais o menos ah que há hoje na primária, mas com matérias que hoje dão no ano mais à frente.

Havia Português, que era dado pelo livro de leitura, o livro de vocabulário e o de gramática. Oh tema dos

temas do livro de leitura eram sempre sobre o mesmo: a família, a escola, a Igreja, o campo, ah aldeia, ah figuras importantes da História de Portugal e da Nação. A disciplina de História era dada por este livro.

Na gramática se dava de tudo: a fonética, a morfologia e a sintaxe. Na terceira classe se aprendiam todos oh tipos de adjectivo, de conjunção, locução e de complemento! Até ah palavra homónima, parónima, homógrafa e homófona! Oh participio! Oh verbo defectivo!

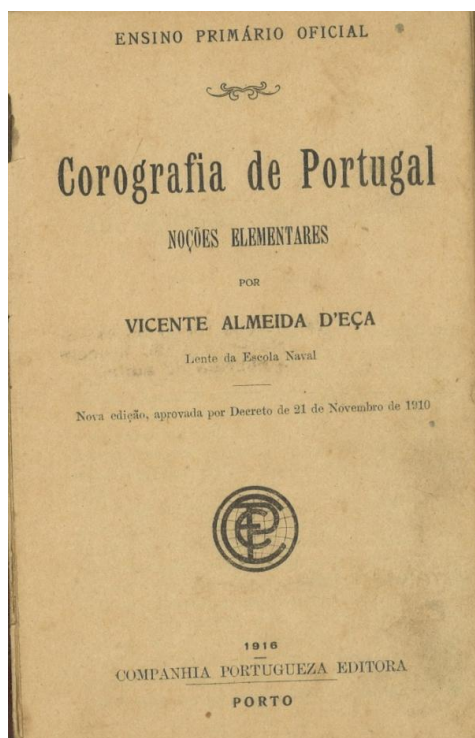
Em Ciências Naturais se estudava ah seguinte matéria: Corpo Humano, Zoologia (oh animais), Botânica (ah planta), Mineralogia (oh solo, todos oh minerais e ah jazida mais importante do país) e Física (que era sobre o calor, o ar e a água).

Em Aritmética se dava a Matemática e a Geometria. Se estudavam oh número e a numeração romana, a tabuada (de somar, de diminuir, de dividir e de multiplicar), ah operação de cálculo, oh sólido e ah fracção. E se faziam exercícios de inteligência!



Libro único da 4.ª classe

Nehta dihiplina tamém se dabom ah moeda e ah nota em circulação, ah báriah medida, de comprimento, de peso, de bolumi, de capacidadi, de massa, agráriah e até de lenha!



Libro de 1943

A dihiplina de Corografia passô a sê maih tardi Geografia, ondi s' aprendia o ehtudo e a forma da terra, a medição do tempo, oh mapa, planta e carta, a orientação e oh ponto cardinai, a nomenclatura geográfica (bali, cabo, rio, montanha, monti...). Era obrigatorio sabê de memória todah ah dibisõe de Portugá Continentá - ah pobação, ah frontêra, oh continenti, ah paróquia, oh concelho, oh dihtrito, ah

dimensão, ah principai serra, oh principai rio e afluenti, e ondi se situabom, oh nomi dah cidadi e bila maih importantih, ah biah de comunicação e oh caminho-de-ferro todoh do paí! Se tinha que sabê de memória tamém oh Arquipélago de Portugá, oh nomi dah ilha e doh cabo, oh quilómetro quadrado e ah principai característica, como bulcão e serra. O mehmo serbia para ah Colónia Ultramarina.



Prática de exercício físico - 1938

Se procuraba ensiná em pocoh ano o que o Governo achaba fundamentá. Habia, ainda, a aula de gináhtica, dada pelo professô, ô por ôtra pessoa, sem qualqué formação na área, que maih não era do que a prática d' algum exercíciõ físico, sem grandi alcanci. Nehta dihiplina nã se praticaba nenhum dehporto como agora. Nã se jogaba à bola, nã se fazia atletihmo... Tamém se tinha qu' aprendê o catechimo. De certa forma, não habia separação entre a Igreja e o Ehtado. A religião fazia parti da dôtrina do Ehtado Nobo e dah orientação política e do ensino. Serbia para incutí nah criança a ideologia de Salazá: o amô a Deuh, da Pátria e da Família.

Para concluí o ensino primário era necessário aprobá o exami da terceira classi, e maih tardi da quarta classi (antigoh exami do primêro e segundo grau), que se faziom na ehcola de cima.

Ô princípio só faziom o exami oh rapazi, depoih passô a sê obrigatório tamém para ah rapariga.

Nessi exami, oh aluno tinhom que demohtrá que sabiom tudo o que tinhom aprendido noh treh/quatro ano de ehcola. O exami tinha duah parti: uma parti ehcrita, que se fazia em folha e se tinha qu' ehcrebê com aparo; e uma parti orá, na quá, oh aluno tinhom que sabê na ponta da língua tudo o que se le preguntassi; e retratabom coisah do dia-a-dia.

Nessi dia, oh aluno iom todoh compohto à ehcola.

Erom pocoh oh que continuabom ehtudando e seguiom oh ehtudo do Liceu. Para isso, se tinha que passá o exami da admissão, que se ia a fazê a Beja.

Doh professori dessih tempo, em Barranco, ficarom na memória Dona Catarina e Dona Arminda, que erom Regentih, Dona Filomena (que bibia ondi é hoji a Junta de Freguesia) o Professô Berragoso, Dona Isabé (tia do Sinhô Nabarro), o Professô Sale e maih tardi Dona Anita Ehcobá.



Retrato de um dia do exame da 4.^a classi - 1960

Como se podi comprobá, ehtudá antih do 25 d' abri não era fácil, como não foi fácil para muitah pessoa recordá essih tempo, oh sonho que ficarem pelo caminho, ah dificultadi e o ehforço doh pai para que oh filho pudessem frequentá a ehcola.

Por maih que hõbessi pessoah que percebessem a importância do ensino para o futuro doh filho, nã le podiom dá maih ehtudo. A ehcola era para oh rico. Oh pobri não podiom ahpirá a ôtro tipo de bida diferente da doh pai e doh trabalho que habia na zona.



Ehcola dah rapariga. Anoh 50, do séc. XX.

Boltá atrá no tempo, recolhendo oh tehtemunho dessa época, noh mohtra como era a educação nôtroh tempo, em Barranco.

Percebê ehtah bibência permiti compreendê ah principai razão que condicionabom oh ehtudo, na altura e podê compará ah condição que são, hoji, proporcionadah ôh aluno, na ehcola.

No fim dehta bonita recordação só noh rehta desejá um bom ano de ehcola a todoh oh aluno.

**Assine a nossa *Rebihta*
e continue a receber
os próximos números!**

Guia de grafia:

Esclarecer que o guia de grafia não pretende estabelecer regras. É apenas um instrumento de apoio à compreensão das diferentes grafias que vão sendo apresentadas para o Barranquenho, sob a forma de um guião ilustrado, com exemplos práticos, das diferenças evidenciadas em relação ao Português Padrão, a partir da pronúncia dos informantes.

Cabe aos falantes refletir sobre as representações com as quais mais se identificam.

Pedimos, pois, aos leitores, que nos enviem os comentários, que considerarem oportunos, sobre as representações que vão sendo apresentadas, isto é, com quais concordam e quais não, e quais as vossas sugestões.

O seu contributo é importante!

Vocalismo:

- Nasalidade interna -om (antes de -b) (ex: **combersa**).

Consonantismo:

- Supressão do -h em final de palavras no plural, nos segundo, terceiro ou mais elementos de uma mesma frase (ex: *A ehcola nôtroh **tempo**; No tempo doh nossoh **pai e abó**; oh **melhori patinadori***).
- supressão do -h em final de palavras no plural, em frases com numeral seguido de substantivo (ex: *duah **irmã**; seti **ano**; oito **quilómetro***).
- Supressão do -h em final de palavras no plural em frases com quantificadores (ex: *muitah **criança**; algumah **pessoa***).
- Supressão de -h em final de palavras que no plural apresentam alteração morfológica, ou diferenciação fonológica (ex: *oh **patrõe**; muitah **bezi**; oh **materiai***).
- Aspiração de -x- > -h- em fim de sílaba interna, antes de consoante (ex: **tehto**).
- Perda da sibilante -z em final de palavra (ex: **fá**).
- Perda da sibilante -s em final de palavra (Ex: **Portugué; Barranco; Tomás; Sale**).
- Apócope de -l em final de palavra (ex: **orá; quá; agradabé; abri**).
- Supressão de -n- em palavras escritas com -ns- (ex: **demohtração, ihtrumento**).
- Acentuação das terminações do infinitivo dos verbos terminados em -ir (ex: **í, dividí, diminuí**).
- Apócope de -r em fim de palavra (ex: **maió, sabê de có**).
- Substituição do pronome lhe pela forma espanhola correspondente (ex: **le dabom**).
- Construção sintática de acordo à norma espanhola (ex: **se ia a fazê a Beja**).